

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO

HYMORIZICO

ARNALDO LEITE
RUBEN DE SA
JOSE DE ARIMANHA

OCTAVIO SERGIO

OCTAVIO
SERGIO



S. MARTINHO

O grande cartaz da lei húmida na América do Norte...



... advogado das eleições, das piolas e das carraspanas. Uma espécie de Santo Condestabre da sede lusitana

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L. da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimbanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO DE OUTUBRO **JOGO DO SAPO** Resultado da 5.ª Partida

Concorrentes que acertaram em cheio, e que tem portanto direito aos 2 prémios de 500 escudos:

César José Poças, Matozinhos; Delfim Freitas, R. Camões, Pôrto; Manuel Serafim Lopes, Pôrto; Iconoclasta Primeiro, Gaia; João Lago, Travessa Gomes Leal, 63, Pôrto; Serafão Antunes, Coimbra; Alberto Mendes Sobral, Pôrto; Maria Celeste Queiroz, Rua Ameal, Pôrto; Inco Mati, Lisboa; Maria da Cunha Fernandes, Rua do Freixo, Pôrto; Dois Patinhos (11), Aldeia dos Doze; Gall Ispo, Pôrto; Mercolina Dias, Matozinhos; Club dos Topa a Tudo, Braga; Albertina Santos, Pôrto; Maria da Conceição Valente, Vila Real; Ériquer Alcure, Pôrto; Afonso Veies Mimoso, Pôrto; Possidónio Certo, (Fora de Portas).

Concorrentes que não acertaram em nada, e que também enfileiram nos prémios primeiro:

Alberto Pinto, Rua Monsanto, Pôrto; Alberto Pinto, Rua Monsanto, Pôrto; Serafim das Beatas, R. Lindo Valé, Pôrto; Alfredo Correia Vasconcelos, R. Teatro, 15, Foz; Manuel Joaquim da Silva, R. Silva Pôrto, c. 3; José dos Santos, Mafamude, Gaia; Humberto Ribeiro dos Santos,

Foz; Frederico Monteiro Lopes, R. da Sota, 41, Coimbra; Silício de Soda, Pôrto; José de Sousa Cruz, Corim, Aguas Santas; António Augusto da Silva, Gaia; Alberjo Teixeira Dias, Travessa da Carvalhosa, Pôrto; Marta P. da S. Tavares, Pôrto; Rosa Andrade, R. Camoos, Pôrto; Karabam Cabeçudo, Pôrto; Faia, Pôrto; Perderia?... (Não perden), Coimbra; Delvano, R. Passos Manuel, Pôrto; Rei de Cacia, Estarreja; Alvaro Menezes, R. Entreparedes, Pôrto; Francisco de Sousa Aires, Famalicão; Mábel, R. Manuel Gouveia, Leixões; Zararusta, Matozinhos; Miguel Novais, R. do Almada, 246, Pôrto; Bernardino Ribeiro, Penafiel; António André Ferreira da Cunha, R. do Bolhão, Pôrto; Manuel Monteiro, R. Costa Cabral, Pôrto.

Dividindo proporcionalmente a quantia de 1.000 Escudos por cada um dos concorrentes dará a importância de Escudos 21\$85 a cada um. Mas a MARIA RITA no desejo de querer ser mais agradável ainda, resolveu conceder a cada um, em troca do seu prémio uma assinatura semestral no valor de 24\$00 Escudos. Entendido ficará, porém, que quem a não desejar terá à sua disposição, na nossa administração a quantia a que tem direito em moeda sonante, durante a semana próxima. Também fica entendido; que quem a não requisitar até ao próximo sábado 19 do corrente, será considerado assinante.

Lista dos concorrentes classificados na 5.ª partida

Com direito aos segundos prémios:

Verde Gaio, Romualdo Fernandes, Rei da Média, Zé dos Nabos, Custódio das Dores, Serafão Antunes, Maria Estela de Sá, Sempre fixinho, Alvaro Ferreira de Matos, Jeremias Sozino, Manuel Aug. dos Santos, Xavier de Sempre, A. do Nascimento, Sacrista, Serafim das Beatas, Aurélio Ferreira da Silva, José B. da Silva Barros, Rei Poderoso, Dó Menor, Marcolino de Freitas, Belchior Ribeiro, Martinica, Simplício Fernandes, Mary Tanga, Josefina Dias Correia, Maria C. Mota Dias, Trepa Nada, Mário Rito, R. Pereira, Abel de Matos Fino, Firmino da Silva, Curvo com medo, A. Leite Cabral, Manuel Leitão Moreira, K. H. Alto, Alvo Roçado, Joaquim Temudo Fernandes, Berimbau Galletas, Mehistófeles, Henrique Bravíssimo, Alfredo Matos Gil, Irene Coutinho, Heitor de Sousa Nunes, Maria Helena Morais e Costa, Fernanda Albergaria Pessoa, Estrudes Doméstica, Ridi Pagliacci, Rei do Saxofone, Bertoldo, B. Osório de Castro, Arnaldo Ruivo, Inácio da Fonseca, O. Amaral, António Rodrigues Martins, José de Almeida Loureiro, Saxies 3.º, António Marques Nogueira, Angelo de Meneses, Manuel Rodrigues de Almeida, Fé, Ernesto Lacerda 2.º, Cláudio António Moreira, Armando Aurélio de Freitas Reis, Horácio Ferreira, Zeca Camelo, José Jacinto Carvalho, Francisco Augusto Peres, Melson Machado, Pimpão de Altamira, Kikinho, Manuel Queiroz, Luís Lopes Martins Teixeira, Eduardo Servano, Branca da Graça F. Barbosa, Maria Emilia Mendes, Herculano Mendes, António Soares de Sousa, Fernando Augusto Rodrigues da Silva, Faco, Carmen Ribeiro, Chico Martins, Alvaro Meneses, M. Recarei, José Teixeira de Carvalho, Bento Pereira, Arnaldo Sousa Ramos, Arsénio Antunes 1.º, F. Leal Júnior, Emilia da Silva, António Artur de Sousa, António Lago, «Hércules», Orquídea Violeta, Hércules & C.ª, Zacarias Fuertes, Maria Luisa Romariz, Castro Rodrigues, Lizé, António Nasc.

Com direito aos prémios de 10 Escudos (1 livro):

Arnaldo David, Armando S. Carvalho, Bolchevista, Eduardo Silva, Augusto, António Flores, Adepta Regional do Lavrador, Elena Portela, Alfredo Assunção, Augusto Teixeira, Luciano da Rocha, Rui Marques Teixeira, Augusto Barbado, Alberto Pinto, Barreirinha, Elkadur, Carlos Bento Soares, João Alfredo S. Moreira da Silva, Zé das Iscas, João R. Belega, José Correia Vidinha, Londim Freitas Assis, Pírolito, Maria Raquel Millham, Arsénio Antunes 2.º, Joaquim Monteiro, Alfredo Pereira, António Pinto Oliveira, Alfredo Amaranal Monteiro (Amarantino), João de Sousa Costa, Xico Zé, Henrique S. P. Alguras, Humberto Branco.

Os livros a escolher serão:

Os que não foram à guerra
Romance de um solteirão
Dois corações
Tribunal dos Pequenos Delitos

DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS DE 10000 ESC. (2) REFERENTES À QUARTA PARTIDA

Aos concorrentes com direito aos mesmos são distribuídos os seguintes números:

Henrique António	1 a	112
Renato Fernando Perdigão	113 a	224
Armando A. Freitas Reis	225 a	336
Manuel Leal	337 a	448
Arlindo J. Pinto Fonseca	449 a	560
Jaime Soares da Silva	561 a	672
Frank Barrote	673 a	784
E. Rui	785 a	896
Zé Manel	997 a	1008
Dobrano	1009 a	1120
Jorge Carneiro Alegria	1121 a	1232
José Augusto R. S.	1233 a	1344
José Fernandes	1345 a	1456
António Moreira Mendes	1457 a	1568
Geremim dos Santos	1569 a	1680
António Marques Nogueira	1681 a	1792
Alvaro Meneses	1793 a	1904
Gall Ispo	1905 a	2016
Alexandro Ivanovitch	2017 a	2128
Paulo de Coke	2129 a	2240
Serafão Antunes	2241 a	2352
António Coelho Moreira	2353 a	2464
Mariazinha	2465 a	2576
Manuel Teixeira	2577 a	2688
Rosa dos Santos	2689 a	2800
Recareis	2801 a	2812
António Augusto da Silva	2913 a	3024
Porfírio Gonçalves dos Santos	3025 a	3136
Vicente de Valongo	3137 a	3248
Armando S. Carvalho	3249 a	3360
Verde Gaio	3361 a	3472
Porfírio Gonçalves dos Santos	3473 a	3584

Simplício	3585 a	3696
Alvaro Meneses	3697 a	3808
Antonieta Rodrigues	3809 a	3920
Joaquim Ruela Ventura	3921 a	4032
Cruz Quebrada	4033 a	4144
Alfredo Pereira	4145 a	4256
Maritango	4257 a	4368
José (Camponês)	4369 a	4480
Quatorze	4481 a	4592
Armindo Magalhães	4593 a	4604
Romualdo Fernandes	4605 a	4716
Luís Fernandes	4817 a	4928
António Teixeira Bastos	4929 a	5040
Lizé	5041 a	5152
Manuel F. C. Vidinha	5153 a	5264
Armando Carvalho	5265 a	5376
Já lá estou?	5377 a	5488
Elmano	5489 a	5600
Possidónio Certo	5601 a	5712
Fernando A. R. da Silva	5713 a	5824
Rosalina Estêves	5825 a	5936
Fernando A. Rod. es. da Silva	5937 a	6048
Comati me chamo	6049 a	6160
David Costa 5.º	6161 a	6272
Zaraqueta	6273 a	6384
José da Silva Lopes	6385 a	6496
Renato Pinto	6497 a	6608
José de Mascarenhas	6609 a	6720
Guicha	6721 a	6832
Carlos Pereira Ramos	6833 a	6944
Maria Conceição Henriques	6945 a	7056
Pinhão de Altamira	7057 a	7168
Abacadabrante	7169 a	7280

(Continua na última página).



Factos & prestações

Crónica anacrónica

Lá estive, na Exposição Industrial de Lisboa. Certâmen importante, sem dúvida, e que dá honra não só a quem o promoveu como a quem o executou. Claro que essa honra se estende aos expositores, visto que, sem matéria prima apreciável, não é possível fazer obra de geito. A indústria portuguesa marcou, com uma distinção e uma galhardia que muitos lusitanos — e eu era um de êsses, supunham impossível. Devemos, todos, orgulhar-nos de isso.

E mais me orgulhei eu, como celta de aquém — Mondego, ao reconhecer que a indústria nortenha, ultrapassou em brilho a do sul. A êste respeito, não pode haver duas opiniões. Nem as há. Ainda eu não tinha visitado a Exposição, e já todos os lisboetas do meu conhecimento me garantiam que os industriais do norte tinham sobrepujado os seus colegas das restantes regiões do país, não só na excelência dos produtos, como na sua variedade. Reconheci dentro de pouco a veracidade do asserto. E senti-me desvanecido, com vontade de gritar a tôda a gente que nasci no norte e sou tripeiro adoptivo. Tantas vezes tenho ouvido, na capital, dizer mal das coisas do norte, que considereei a vitória dos nossos industriais como justíssima *revanche*. Senti-me tentado a gritar: — «Hurrah pelo Norte e pelo Pôrto!» — Não o fiz, com receio de que me suposessem filho de Valongo, — terra à qual, não sei por que bulas, a gente do sul atribue os predicados de incultura e selvageria que nós, cá para o Norte, adstringimos à Lourinhã ou a Paio Pires.

Se bem que, para selvageria, já bastavam, lá na Exposição, os pretinhos da Guiné...

Uma perfeita aldeia africana, com sua palissada à volta, e lá dentro as cubatas da praxe, recobertas de capim. Formigam para aqui e para ali negros de ambos os sexos, horrorosamente feios de semblante, mas esculturais, quasi todos, no corpo de ébano. Sobre-tudo elas: membros bem lançados, seios rígidos e erectos, quadris e espáduas de elegante boleio. Tremem de frio dentro da leve indumentária, que seria demasiada no Equador e é

mais que minguada em pleno Parque Eduardo 7.º, batido fortemente pela nortada. Tocam alguns homens seus instrumentos rústicos. Dançam e cantam outros, — um canto tediosamente monótono, umas danças que não primam pela variedade. Aquilo, ao cabo de dois minutos, está visto. Não obstante, em volta, a multidão comprime-se. Não sei o encanto que possam encontrar naquilo. Todavia, os espectadores não arredam pé.

Sento-me a uma mesa da colina verde, situada em plano superior e de onde posso observar melhor. E vou notando, detalhando, vendo traço a traço a fisionomia dos homens. Começo a perceber. Nos olhos de aquele rapaz, de casaco cintado e gabardine no braço,

brilha um clarão intenso de desejo. Não desprega os olhos de uma preta hercúlea que se menicia com esgares de odalisca oriental. Ao lado, um velho de bigode grisalho crava as pupilas sedentas numa garota que salta e se contorce, dando aos quadris um safo-coteio de histórica. E até uma senhora dos seus trinta e tantos anos, de cabelo oxigenado e lábios repletos de *rouge*, assesta insistentemente o *pince-nez* num preto de proporções atléticas...

Tinha razão a Angela: o nosso futuro está nas colónias...

Marcial JORDÃO.

Posta restante

Garganta de Prata — Temos pena; mas a glosa não estava certa. Quanto à balada, é triste demais para a MARIA RITA. Outras coisas!...
Zê da Sé — *Chichisbeu* — *Pancrácio* — Não serviram.

Orno — Foram pró maneta duas.
Rei Louro — Ou perdeu-se ou não chegou. Quanto ao resto, vamos publicá-lo fora de mote certo. Temos todos os números.

Cê Gê — Aquilo com um geitinho pode ser. A sua preocupação de estilo, encoberta o humorismo. Trabalhe e mande mais coisas. Prometemos não remeter nada seu para a tal secção. Para lá só vai mesmo o que é bom de todo, ou o que nos pedem para mandar.

Rei dos Nabos — Vamos indo e vamos vendo. Cuidado com «Aquilo». Trabalhe mais. Nunca se perde o que se faz. Cruzito, ainda? Isso é verdade... Mas lá vamos... Guardamos para um dia se lhe dar um geito.

Constante Leitor — Muito obrigado.
J. Beleza — Essas dificuldades foram finalmente resolvidas. Dora-avante a MARIA RITA, deve ser posta à venda, em Lisboa todos os Sábados.

Paulo de Cócoras — Mande dizer os números que precisa. Temos todos e sem aumento de preço os remetemos.

Monteiro II — Só fazemos perfis de criaturas da nossa terra. Por isso o seu não será inserido. Mande outros.

Zê da Sé — *Mai-lo* — *Tito* — As segundas

já não vieram a tempo. Foi pena que não são piores.

Capitolina Chauba — Queira fazer o favor de mandar a sua direcção para remeternos o livro. Talvez estivesse no envelope, mas êsse rasgou-se.

Toninho da Porca — Assim é que devem ser os homens. Fuja de «Aquilo». Mande mais e se poder ser... melhor, como diz muito bem.

Ardotos — Tem razão. Mas evitaremos isso de hoje em diante. A MARIA RITA, se Deus quiser, e não faltar o *escudo* com que se acoberta, há-de durar muitos anos.

Perjuro — Obrigadíssimos. Faremos o que indica. E' favor mandar o mote.

O Amor



Ele — O coração nunca envelhece...

Ela — O coração, não... Mas eu não me referia ao coração...

Há dias, o *Diário de Lisboa*
(se não me engano foi na Sexta-feira)
Trazia uma piada muito boa
Que ao revisor passou pela fieira.

Falando dum alto funcionário
Adjunto à Comissão do Desemprego
Virou-lhe o nome ao contrário
Num outro que eu não emprego.

Só uma letra faltava
Mas outra coisa parecia!
De tal forma o transtornava
Que ninguém o conhecia.

Fêz a coisa de tal sorte,
Sem lhe tocar no chapéu,
Que depois dêsse recorte
Ficou de cabeça ao léu...

Senhores do *Diário de Lisboa*
Não voltem a caír nêsses revezes,
Porque o nome qualquer duma pessoa
Tem relação c'ô a cara muitas vezes.

Dessa forma de-certo o funcionário
Não gostaria de lhe ouvir chamar
Cara daquilo que no seu *Diário*
Em magestosa gralha conseguiu passar.

J. d'A.

Os nossos mortos

Francisco Seara

Mais um camarada do jornalismo que desaparece na voragem da morte!

Chefe da Redacção do *Jornal de Notícias*, inteligente, bondoso e honesto, nêle perde o jornalismo tripeiro, cada vez mais desfalcado de valores, um elemento de relêvo.

MARIA RITA, jornal feito a rir e para rir, desfolha sôbre a campa de Francisco Seara: uma flor de saúde, — comovida sinceramente, apresentando aos seus bons camaradas do *Jornal de Notícias* bem como a sua Ex.^{ma} Família, o seu cartão de muito e sentido pesar.

Manuel Francisco de Araújo

Figura de alto relêvo no nosso meio comercial, alma generosa e nobre, Manuel Francisco de Araújo, o honrado cidadão que a morte acaba de arrebatá-lo, gozava de geral estima e simpatia nesta cidade.

O seu entêrro constituiu uma grande manifestação de pesar e nêle vimos pessoas do maior destaque em tôdas as classes sociais.

MARIA RITA faz um parêntesis de dor no seu humorismo para cumprimentar a Ex.^{ma} Família do Sr. Manuel Francisco de Araújo, abra-

çando comovidamente o Dr. Manuel de Araújo, que tem no coração de quem escreve estas linhas um lugar muito especial.

Ao Sr. Dr. Sebastião Lopes, distinto médico do Instituto de Medicina Legal, nosso querido amigo, alma sensível de artista, apresenta também MARIA RITA o seu cartão de pesar pelo falecimento de sua Ex.^{ma} Irmã, perda irreparável para o seu boníssimo coração.

Ditado desmentido

«Da discussão nasce a luz»,
Ensina um velho ditado.
Isso é quando não produz
Diferente resultado.

A' luz débil do petróleo,
Discutiam dois sujeitos
A divisão dum espólio,
Zelando os mútuos direitos.

Numa fase mais acesa,
Um irascível parceiro,
Pregou um sóco na mesa...
...E apagou-se o candeeiro!

BISNAU.

Ordinário, marchas!

«A marcha da fome» é uma peça de cartaz e de êxito seguro, que os jornais de todo o mundo anunciam em alenta das parangonas.

A Inglaterra deve sentir-se orgulhosa pelo magnífico espectáculo que proporcionou aos outros países retrógrados e improgressivos, a enorme distância do alto grau da civilização britânica, glória de todos os filhos da loira Albion.

«A marcha da fome!» Que sucesso! Que maravilha! Que triunfo!

A marcha da «Aida» ao pé dela não vale a ponta dum cigarro.

Não tarda muito que atrás da «Marcha da fome», nos surja o acompanhamento da «Marcha fúnebre» de Chopin...

A cantiga do desarmamento

Abaixo as guerras! Todos os povos se entregam a uma guerra de morte contra a guerra. De maneira que estalando uma guerra é certo e sabido que todos se põem em guerra para exigir a paz... E é por causa dessas tendências pacifistas, que todos que prêgam a paz se armam e preparam até aos dentes, construindo canhões, metralhadoras, submarinos, gases asfixiantes e outras lindas sursês que exterminarão a humanidade num abrir e fechar de olhos!

Como se tem avançado nos últimos anos.

Como se tem desenvolvido o sentimento humano e o respeito pelas vidas alheias!

Que homens! Que feras!

Paz! Zás! Trás! Paz!!!

Todos se desarmam. Viva a paz!

A França acaba de lançar à água mais alguns submarinos, perfeitamente apetrechados para distribuírem rebuçados aos domicílios.

A Itália fabrica aviões de dia e noite, bem fornecidos de ameixas e outros frutos explosivos.

A Inglaterra inventa novos canhões, certamente de chocolate...

A Alemanha, essa — coitada! — está pobrezinha e só possui dinheiro para descobrir preparados químicos capazes de arrasarem uma cidade em menos de três minutos.

E o Japão vai aplicar 460 milhões de Yens em construções navais.

Mas se todos prêgam a paz, para que diabo servem os aviões, os submarinos, os canhões, etc.?

Ora, ora, para que servem! Sempre há cada pergunta!

Servem para pôr num bazar de prendas!...

As costureirinhas do Pôrto

Considerações diferentes sôbre um tema muito igual e de ornamentação urbana

Muitíssima coisa se tem dito já acêra destas avezitas que volitam af pela cidade e são cubiçadas gulosamente pelos olhos dos milhafres de casaquinho curto e cabeça sem nada em cima.

Pois se elas até já foram à *examina!* Quando é dos concursos de beleza, tôdas as candidatas passam na frente dum júri feiíssimo e controproducente.

As costureirinhas, cá no nosso entender, são como os polícias sinaleiros: são partes integrantes dum *corpo* muito bem formado.

Quem as vê com bons olhos

Noventa e nove por cento dos estudantes de engenharia gostariam de lhe estudar as ilhas corporais, sem se importarem com aquelas com que se cosem.

Cinquenta e sete por cento dos frequentadores da Faculdade de Medicina, passam o dia a suspirar por uma aula de anatomia, a bom recato, com estes cadáveres bem cheiinhos. E se dizemos cinquenta e sete por cento, é porque os restantes quarenta e três por cento são senhoras da nossa maior consideração.

Não esqueçamos, também, que um e meio por cento dos futuros eclesiásticos, olham de soslaio para a *caixa* das costureirinhas quando elas passam.

E o restante do burgo, parte integrante, é claro, não pode deixar passar uma futura modista, sem meter dois *dedais* de conversa.

O que elas pensam

Impúberes e adolescentes profissionais da máquina de coser! Em que pensais, dizei-nos!

Pensais na fita de ontem à noite, na loucura sonhada duma ascensão a *Estrêla*. Num automóvel com porta para a escada, e num rapaz que nunca vos disse nada, mas que podia dizer-vos tantas coisas!

E depois, umas com as outras, fazeis *combinações* arriscadíssimas.

Se namorais, chegais tarde à oficina, e o vosso rapaz quando chega ao escritório já não encontra o *ponto aberto*.

As que costumam, pensam em pôr o seu amor à *prova*. As que bordam, são abordadas muito mais facilmente. As que servem de manequim, pensam em como é efêmero o tempo que dura um vestido. Tôdas elas, porém, fazem lembrar empregados da C. P.; andam sempre à volta com as agulhas.

O que nós pensamos delas

Quási nada, gentis representantes da raça inesquecida das portuguesas doutoras. Filipa de Vilhena, vestiu os filhos de cavaleiros. Vós vestis as nossas mu-

lheres de José Casimiro, porque os casacos de agora parecem absolutamente tauromáquicos

Brites de Almeida que Deus tenha, a célebre padreira do tempo em que o pão era feito com farinha, deu com a pá do forno na cabeça dos hespanhóis amigos. Vós dais-nos com a *tampa* na pá do bucho.

A Maria da Fonte, fêz a formidável façanha de andar cavalo sem cair com uma corneta na mão.

Vós, tais quais ela, chegais a cavalgar-nos nas costas, e dais-nos nos cornetos para trás, quando tentamos inverter a posição.

Moralidade

Benditos sejas, trapinhos do nosso afecto. A MARIA RITA, que nos tempos da sua mocidade também andou com a caixa e picou os rechonchudos dedos bastas vezes, saúda-vos numa revoada saúdosa da sua longiqua mocidade.

E nós, para fechar, ficamos com a certeza de que a vossa doida predileção pelo automóvel, de dois lugares podendo ser, é derivada pura e simplesmente da ânsia de vos sentirdes livres do *carrinho*... de algodão.

Ir ao retroz também não é desagradável.

J. de A.

PERFIS DO PORTO

XXV

DR. COUTO SOARES



*Um Couto sem ser maneta,
Com boas mãos por sinal.
Um cirurgião sem treta
É bom amigo a final.*

*Sim, senhor, sabe da poda.
Saiba-o o mundo, tôda a gente...
Se o bisturi incomoda,
A culpa é do paciente.*

*Amador das coisas de Arte,
Alma nobre e requintada,
É pequeno mas não parte
Nem verga a espinha, nem nada...*

*Bem sei que não é bonito
Os meus amigos gabar.
Tenho um costume esquisito:
Os bons e justos poupar.*

*Fale o mundo como queira
Da política que faço.
Na lavra da minha leira
Inda mando um bom pedaço.*

Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

II

J. G.



O rotundo autor dos «Famintos». Há quem diga que é grave. Outros, ao ler-lhes as prosas, acham-no gravíssimo.

À beira do suicídio

◆◆◆◆

Minha tia Cunegundes é uma santa senhora... Viúva há 20 anos, apenas teve, depois de 1915, 3 filhos do compadre. Gervásio e ficha e meia — esta meia, produto dum aborto — de pais dignamente incógnitos, suspeitos de vendedores ambulantes. Ficou com bons rendimentos, mas gasta-os todos com os necessitados. Um deles é o criado Aurélio, um rapagão dedicadíssimo que lhe cata as pulgas e lhe penteia a cabeleira, a qual ainda é crespa e pouco grisalha — porque o Aurélio é um bom cabeleireiro. Fazia a barba e enfeitava com lindos anéis a cabeça do senhor Gustavo Parrano, o esbelto e robusto marido da minha tia. Pesava esse marido uns 100 quilos, mas era tudo barriga e cercanias do pódice que, quanto a braços e pernas, eram elegantes como ramos de eucalipto. Os outros necessitados, socorridos por minha tia, são: o taberneiro Gaspar, a bruxa Antónia Pandeiro e o mestre da filarmónica da terra, o Roberto.

Para socorrer o taberneiro, sujeita-se a tomar pifões colossais. Para acudir à bruxa, chama-a todas as noites para a sua lareira, aprendendo com ela — em lições bem pagas — várias mandriorgas e magias. Para valer ao mestre da filarmónica, limpa-lhe o cornetim e até se presta a servir-lhe de bombo.

Pois, senhores, um anjo assim é para este sobrinho um demónio.

Vejam se há dor igual...

Mas eu não acuso nunca sem provas. Vão ler a última carta da tia Cunegundes a este malfadado sobrinho que, qual pondo friste, batido pelas ondas, vive nesta encantadora e ruidosa Lisboa, amarrado ao potro do sofrimento... (Isto sai-me tudo de repente... talvez porque uso muito o óleo Castor).

Meu subrinho adurado:

Cá arrecebi a tua carta e, canto ó que pedes, é impossível, porque o Gaspar assubiu o preço do vinho e tenho de comer melhor e também te digo que precisas de ter juízo, que já tens idade para isso e nessa babiloina bem preciso te é, da tua tia do curaço

Cunegundes Parrano.

Ter isto, e desatar aos uivos e aos pinotes foi obra dum momento. Mordi a carta, uma torrada que me ficara do almoço e um prestável lápis Faber que tinha comprado na vérpera.

Alfíto, convulso, vesti-me de preto, escrevi o meu necrológio, dei um pontapé no focinho do gato, e desci a escada aos trambolhões.

Depois, filando o porteiro pela gola, sacudi-o todo e vociferei:

— Ouves, miserável? Se cá vier algum meo crêdor... dize-lhe que estou morto. Pega lá este necrológio...

E meti-me no portal da vizinha, agarrando-me ao porta-voz, todo a tremer.

— E's tu, Quitéria? E's tu, desditosa?

— Sim, querido. Já arrantaste aquilo?...
— Adeus, Quitéria... adeus até à... eternidade! O meu porteiro te entregará... Alma da minha alma, adeus!

Quis-me então meter num taxi. Tinha só 15 tostões. No eléctrico? Mas eu não queria matar-me em qualquer cemitério da capital, desejava morrer em Odivelas para onde ainda não há eléctricos.

Pus-me a andar, a correr, a voar. Cheguei a julgar-me um avião. Trágico, vertiginoso, inabalável, choquei-me com vários fêmuers e úberes de transeantes pintadas, com um vareiro que via cair e entornar a canastra dos besugos, com um policia sinaleiro que, a pesar-de altivo e fero, se estendeu no chão com a lividez dum defunto, muito cadáver.

E, de repente, estaquei, atónito.

Estava defronte da Academia ex-real das Ciências, daquela catedral laica...

E vinha de lá um velhote almiscarado. De monóculo. Olhos de velha judia proscrita. Ademanes de velho — rapaz, muito sabido nos ministros de Lesbos. Fronte pendida, chorava e monologava. A's vezes arrotava, olhando à roda. Outras vezes suspirava, cuspinhava e logo gemia e se assoava.

Parei, apiedado, esquecido da minha dor. Não tenho mais na minha mão.

E, com caridade, disse em tom clássico:

— Ancião gentil e venerando, vós quem sois?

O velho fêz beicinho, levou a dextra ao sacro, pôs a sinistra na altura do umbigo e respondeu como quem se desentupe:

— Sou o sócio de mérito...

— Mas então...

— Veja a troça pungente que me faz todo o país... Sou o primeiro depois do Herculano? Mas que valia o Herculano? Ele nasceu em Lisboa, ao pé da Alfama sombria e eu nasci em Lagos, perto da ponta de Sagres. Ele foi um parvo, bateu-se no cêrco do Pôrto e morreu azeitado. Eu fui deputado progressista, poeta da còrte, e sou fantoche da República — com alguns empregozinhos, com os cobres que me dá o café no Chiado, com um verdadeiro assombro de abategação... de sacrifício...

Ele escreveu a *Harpa do Crente* e eu escrevi o *Nada*. Ele escreveu a *História de Portugal* e eu remodelei-a com datas e lérias finas, tudo da minha invenção. E' d'êle o *Eurico*? Mas é minha a *Severa*, que vale mais do que Herme-garda! E escreveu êle coisa que se pareça à *Celha dos Cardeais*?... Mais do que Herculano é o que eu sou... E, contudo, uma troça pegada... Parece que me perderam todos o respeito...

Ao sair de casa, um garoto dos jornais gritou-me abominavelmente:

— Adeus, ó Júlio! Que bom ponto! Que bem apanhado! Não percas o mérito, ó salsa!

Mas basta, leitores, porque sufoco de amargura. Logo que o velhote se afastou, sentei-me no limiar ensebado da Academia, a chorar sobre os destinos da Pátria. Que futuro será o de Portugal, se o Camões número 2 nem sequer tem um Jau, se está velha e aborrecida a sua *fria Natércia*?

Oh! e quando a êsse gigante de biscuit sucedem tais azares, que admira que eu tenha uma empedernida tia Cunegundes?

E, então, sim, resolvi suicidar-me.

Entreli alucinadamente numa taberna.

— Um copo de vinho do Termo!

Veio e bebo-o dum trago. Paguei e deixei-me ficar, à espera dos efeitos do veneno.

— Quer mais alguma coisa? — perguntou o taberneiro, arregalando o olho.

— Espero...

— Algum amigo?

— Não: a morte!

E o taberneiro replicou, sorrindo:

— Repita mais alguns dias... e morrerá por mais.

CHORAMIGAS.

DESCANSO SEMANAL

Vamos hoje dar publicidade a três artigos de três jornais diferentes. Transcrevemo-los na íntegra para que não percam nada da sua primitiva perfeição. Também os não comentaremos, para que V. Ex.^{as} não percam o fio à meada. No entanto, estabeleceremos um prêmio de 50\$00 escudos ao leitor que os dissecar um a um e nos mande dizer, ao certo, quantas asneiras encerram.



De **A LUZ DO OPERÁRIO**, de 16 de Outubro de 1932:

DA MADALENA

O bairro mais populoso e aristocrático desta freguesia ostenta em pleno largo da Costa, um grande recipiente de agua, cuja utilidade, é tão somente para as lavadeiras locais.

Acontece que as aguas estacionam ali semanas inteiras, sem serem evacuadas, (as aguas das costas não foram evacuadas!) resultando a petrificação das ervas, e consequentemente um foco condenavel de mosquitos, e outros insectos que constituem um sério perigo para a saúde pública.

Já por inumeras vezes tem sido manifestado através de varios jornais o desejo de se proceder a uma profilaxia radical a esse perigoso pantano, e que infelizmente até á presente data não fruímos o resultado tão ansiosamente almejado.

Urge pois que a Ex.^{ma} Camara tome a iniciativa em fazer abstruir este grande vaso microbiano, para dar principio ao saneamento desta terra tão portentosa em elementos desta natureza que só combonem e adulteram os principios higienicos.

E' um apêlo justo onde se pode testemunhar a consciencia de todos os moradores sujeitos a consequências por vezes funestas como infelizmente se tem registado.

ORFEÃO DA MADALENA

Incontestavelmente a melhor instituição da Madalena, e se a sua modestia não se limitasse a justiça, forjado seria em dizer, a melhor de Gaia, no seu genero.

Sob a regencia sagaz e probidade incansavel do sr. Insulino F. de Sousa, seu distinto maestro, tem já desempenhado um papel muito saliente em algumas demonstrações que constituem o horizonte do seu lema.

Presta concurso valioso a esta agremiação, a mais alta camada social daqui; em cooperação da juventude bairrista dos filhos desta atraente freguesia cujas vozes vibrantes sensabilizam os mais subteis timpanos.

Apesar de contar uma existencia muito curta tem-se desenvolvido bastante, graças á actividade e talento dos seus dirigentes anteriores e atuais que são merecedores da maior estima e consideração, pois prometem dentro de em breve alcançar um elemento rival aos seus congêneres, cuja fama alcançou a predileção.

Raul F. Santos.

De **A VOZ DA COMARCA**, de 13 de Outubro de 1932:

(Este é o das virgulas)

"AU NATUREL..."

DE VILARINHO...

Duas palavras

Nós que apesar de passarmos ás vezes por uma vida tortuosa, e cheia de espinhos picantes, como lanças envenenadas, que nos querem atingir, embora com subtileza, mas de facto, são elas, as que nos trazem a submergir, nas ondas da esperança.

Temos é certo, de sofrer pacificamente, porque o sofrer e a dor, são quasi sempre os elementos mais valiosos, neste mundo, pelos quais nós, nos rejubilamos, quando depois, de sofrer amargamente, tudo em geral, nos diz com reitidão, que nós somos as armas da verdade, que a defendemos, e por isso a justiça, nos é feita com carinho, com lealdade, e sem prevaricar, ou ser perjuro, o nosso semelhante.

Pois é isto, a nossa missão perpetua.

Pena é, que esta terra, não tenha alguém, e com simpatia por ela, que lutasse sempre, e pugnasse pelo seu bem-estar, sem afrontas dos seus inimigos, que em vez de a socorrerem, e de cooperarem com aquilo que o dever e a obrigação lhes faz cumprir, andam de perfil, vagueando a mercê das suas vontades, para destamparem, de vez emquando, o venenoso, para a grande caterva, no campo da verdade, e do bem, morrem sem destino conhecido, com infamias, que o veneno do frasco costuma intoxicar.

(Vejam o chorrilho virgulisteiro)

Bem vêem, que o que digo, são coisas que sucedem no nosso precioso bico, onde este modo de proceder se dá diariamente.

Nós devíamos frizar, com calor de alma pura, a mocidade, que com ela contamos amanhã, e não outrem; Mas infelizmente, aqui, seria uma ver-recundia, e seríamos nós uns covardes se o fizéssemos, visto que os próprios, vivendo á sombra de calunias, e de contos mesquinhos, vão arremessando a sua qualidade já vil, para o caminho da perdição, para vexar e criticar, quem julgam, deixando arrastar a herança dos antepassados, pelas enxurradas malditas, que nos cercam voluntariamente, sem voltarmos ao retrocesso primaz, em que já nos encontramos, para fazermos uma vida maior e tranquila, na nossa terra, para vermos o nosso desejo, que é a união, dos filhos desta aldeia, pitoresca, e a sociedade dos jovens, môços que progrida, com braço, com entusiasmo, e com qualidades egrégias; para vermos chegar depressa, e ao eden, a nossa terra, onde passaremos nossos dias, alegres e os folgoes já num progresso avançado, e num passo só.

Palavra de honra que não aumentamos uma vírgula.

Não como se tem dado!..

Isto, é bastante, para nós dizermos, o que hoje pensamos, porque amanhã, recordamo-nos doutro assunto, para os nossos artigos.

Senhores! Vilarinhenses!

Unimos com elegancia; ce om um laço fraternal abraçamo-nos, todos num só, para combatermos o fossilismo, e abrir-se no nosso espirito, esta luz bendita, que ilumina, o santo nome do "Progresso" ..

José Simões Correia.

Ambos os articulistas teem a mania de falar nos filhos da terra

Do célebre **ECOS DE CACIA**:

AS MANHÃS DE MAIO

Manhã de Maio, morna e silenciosa. O sol desce numa apoteose sobre a terra, brincando doidamente e espalhando sobre a terra os seus cabelos de ouro.

Os vergeis começam a florir, sóbre a terra e nos bosques cantam os rouxinóis e outros passantes trinam gargalhadas cristalinas.

Escolhi eu, uma destas manhãs deliciosas, para dar um passeio e presenciar toda essa Natureza misteriosa, donde mil e mil encantos nos sobressaem e nos deslumbram.

Atravessê campos cultivados e não cultivados; pomares e pinheirais; aqui saltando uma vala, alem desce a encosta, deparando-se sempre á minha vista, o lavradôr, esse homem rude do campo na sua faina diaria...

Natureza! Natureza!..

A que chamamos Natureza?

Chamamos Natureza, a tudo que não é obra nossa.

A ave que voa; a flor, cujo perfume nos delicia; a rocha que se levanta a beira do mar, etc.

Até o etc. faz parte da Natureza!

Tudo isto é Natureza.

Natureza, são portanto as coisas que nós não criamos por nossas mãos e que são dignas da nossa admiração.

Vemos a borboleta, vareja de flor em flor, sem precisar de auxilio estranho; ao passo que as pedras só se movem quando as impelimos.

As plantas crescem sem ternura e sem trabalho; alimentam-se do suco que lhes vem da terra humida, dão flôr, depois o fruto, um dia mucham, e nós dizemos que morrem.

Semelhantemente acontece conosco.

Nascemos, crescemos nutrimo-nos e morremos.

Há porém uma diferença: nós podemos partir um tronco de uma arvore, uma flôr, sem que elas acusem dor; mostrando-se irresistíveis: mas se ferimos um animal, êle queixa-se e se possivel fôr, foge-nos.

E' porque o animal sente e move-se por sua vontade; e as plantas só se movem quando assim o queremos-nos.

Presa á terra pelas raizes que a sustentam, assim passam a vida se nós não as destruímos...

.....
A terra transfigura-se em Maio, quando o ar é mais tépido, as manhãs mais doces e o arôma mais original.

O encanto destas manhãs de Maio, é o arôma das flores.

Talvez ainda não pensassem neste encanto nostálgico das flores que brotam da terra com as suas variegadas cores!..

Tudo isto é um encanto!..

Vermelho, cor de sangue nas papoildas; branco, nas acusênas, religiosas; rôxo de dor, nas mimosas violetas; e outras como as orquídeas enigmáticas, os cravos, os giraçóis, as mães-silvas as alcaçofras.

O que aí vai de coloração hipnótica, de deslumbramento e de extase por esse Mundo além. contrar qualquer poeta.

Nenhum tema melhor do que este pode en-As flores e as manhãs de Maio.

Costa Pinto.

Aí ficam êsses três mimos literários capazes de fazerem estarecer um burro de pedra pomes.

Para a semana: *Recortes admiráveis dos jornais do Pôrto. Anúncios, correspondências, jóias literárias.*

ENTROU o inverno, meus senhores. E se não veio com aqueles pèzinhos de lã com que costuma vir, veio pelo menos com as consabidas castanhas, êsse admirável fruto que nos faz pôr o nariz fora da roupa faça o frio que fizer.

Chegou o inverno, dissemos, e nós não somos criaturas que fãcilmente nos desmintamos.

Côm o inverno, chegou também a pigarreira, a gripe e os sapatos de ourelo. Souu para alguns a hora terrível de ir buscar o sobretudo ao prego onde estivera pendurado todo o verão e estações limítrofes; souu (também neste tempo as únicas coisas que suam são as horas) para outros a hora da consumição por causa dos fatos e vestidos *dernier cri*. Estamos na hora da ranheta e das mulheres mais abafadas. Estamos no tempo em que ninguém anda triste, porque tôda a gente esfrega as mãos um dia inteiro, e salta de contente para aquecer os pés.

Mas há alguns bípedes mais felizes do que outros nesta época de crisântemos e de castanhas assadas: são

Os felizes empresários

Não há ninguém que ao sentir frio em casa, no único sítio onde pode deitar um *cache-nez* ao pescoço e uma botija aos pés, não sinta a tentação de ir arrefecer para outra parte.

Mentalmente procura o almejado refúgio. E é certo: ou escolhe o cinema ou o teatro. Não vai ao café porque a bebida faz mal; mas no intervalo, quando discute com um amigo a primeira parte, toma dois, e um cálice de bagaço.

E a MARIA RITA, sabendo como ninguém, esta extraordinária predilecção do bom papá tripeiro, e das loiras cidadãs que sofrem duma cinetite aguda, resolveu entrevistar os grandes empresários desta terra. Vamos a isto.

O que é um empresário

E nem mais do que um bemfeitor anônimo.

Leva um ano inteiro a congeminar a melhor forma de distrair o público.

Estuda-lhe os gostos, decora-lhe as predilecções e procura a maneira mais insensível de lhe tirar um pêso da consciência (vulgo *algibeira*). O seu maior prazer é ver o público chorar. Se é comédia, fá-lo chorar de riso; se é tragédia, fá-lo chorar de dor; e se a peça não presta, fá-lo chorar o dinheirinho.

Vamos começar pelo

Antônio Castro do Sá da Bandeira

Fomos encontrá-lo num cubículo subterrâneo quási igual aqueles da Praça da República.

— A MARIA RITA deseja saber o que vai ser a época 1932-933, no seu teatro.

— Isto está uma desgraça. O teatro não dá nada.

Já me lembrou de levar os Milagres de Santo Antônio a ver se pega. Mas o público vai todo para o Cinema. Tenho aí o Armando, depois vem o Amarante, para o público que gosta do verde...

E se não pegar, nunca mais me meto noutra, estou velho, meus amigos. E' verdade: tenho lido a MARIA RITA; acho piada àquilo dos *Ecos de Cacia*, se calhar para o ano mando vir uma companhia de cavalinhos.

Saímos. E já no atrio, ainda pudemos cumprimentar o Marques, atrás do buraco, que já ia na vigésima constipação.

César Ramos, do Olímpia

E dali fomos direitinhos ao consulado da China. Fomos recebidos pelo cônsul em pessoa, o sr. César Ramos,

que estava sentado no chão a comer arroz com dois pauzinhos. Ouçamos



ANTÔNIO CASTRO, o empão do Teatro Sá da Bandeira, que MARIA RITA busca parafiticamente, é o último abencerragem das empresas, o único organismo que ainda não foi, nem será já invadido pelo bacilo de Paulo de Koo cinema

TEATRO CINEMA

Onde passaremos as negregadas noites?

Um problema de difícil resolução O que dizem sôbre êle entidades competentes

o que nos disse sôbre a época, êsse andômito representante de 400 milhões de pessoas:

— O Cinema está de cada vez pior. O público vai para o teatro. O sonoro matou o mudo. E o senhor bem sabe que todos os mudos são vingativos... Eu já disse ao Raúl, que era melhor passar isto a teatro. E aquela coisa da Mandchúria traz-me preocupado. Mandei vir um documentário da guerra sino-nipo, mas não há meio de chegar. Contava fazer com êle pelo menos dois meses.

Viamo-nos embora; à porta estava o Duarte com aquelas suíças marciais que todos lhe conhecem, a querer imitar o Hindemburgo. Desbarretou-se irrepreensivelmente.

Pires Fernandes

Dirigimo-nos ao teatro Rivoli. Tivemos imenso trabalho para falar ao proprietário, porque êle resolveu não atender mais jornalistas humorísticos enquanto não lhe derem uma satisfação.

Enfim, lá conseguimos, e aí está o que êle disse:

— Eu sou um perseguido. O meu teatro é o mais bonito da península e andam para aí a dizer mal dêle. Se ponho cinema, são os amigos de teatro que dizem mal porque isto foi feito para um teatro; se ponho uma peça, desatam os amigos de cinema a lastimar-se, porque etc., etc., e vice-versa. Agora tenho aí uma revista que é um encanto, e que só no Rivoli podia ser levada à cena. Bem de-certo vão se pôr a dizer que o palco é pequeno, apesar-do público ter afluído...

Mota & Genro

Deixamo-lo e fomos procurar o sr. Mota e Genro; do Trindade, do Batalha, e do Carlos Alberto.

Já o conhecíamos da Rua da Rainha, quando fabricava balcões, cadeiras e *fauteils* que não eram vendidas à bilheteira. Por isso caímos nos seus braços.

— E' verdade, — continuou êle — agora dediquei-me a isto. Comecei por estes três teatros; mas ainda não perdi a esperança de ter mais. A época do Trindade vai ser alguma coisa de formidável; a do Batalha, é sempre boa. E quanto ao Carlos Alberto, vai abrir com uma peça do Arnaldo e do Carvalho. Vai ser um sucesso, chama-se a *Viela dos Gatos*, mas vai ser com certeza a *Viela dos Gostos*. Esperem um bocadinho e vão ver o que é a gente nova nesta coisa das ribaltas.

No Águia d'Ouro

Soubemos pelo Arnaldo que êste ano, não haverá nenhuma cinéfila que não veja o seu ideal em carne e osso. O Harold vem propositadamente ao Pôrto, para mostrar um *gag* dos seus. A Mariene Dietrich, já alugou um quarto nos Galegos, para dar duas representações seguidas; e o Henri Garat manda um tipo muito parecido com êle, em virtude de não poder vir por causa da correspondência.

Enfim, vai ser um dos anos mais gordos que se tem visto cá na terra.

S. João

Não fomos lá porque não temos bilhete. Quis-nos parecer, no entanto, que o Sr. Honório de Lima, anda saudável da ópera. O Sr. Pires, gerente, bem nos queria dizer alguma coisa; mas não podemos transpor as doiradas portas por falta de livre-trânsito.

Senhor Pires: não tenha acanhamento, quando quiser que nós etc., etc. é só mandar... os bilhetes.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta forma, terá graça de graça ::



O que foi o Pôrto-Astúrias pela primeira vez — Quem ganhou mais e pior — A representação do Colégio Arbitral — A Liga mal colocada

Oh! Rapazes!

Se não fôsse a inabalável fé de que a MARIA RITA ia armada, aquilo tinha ido tudo por água abaixo! Santa Lucrecia, que é advogada destas coisas, esteve sempre pelo nosso lado. Pode dizer-se que todos os *portuenses* estavam apostados a deixar que fôsse para Covadonga o primeiro Pôrto-Astúrias.

Passamos já à descrição do jôgo, não vá a gente perder o fio à meada.

O Campo

Como um ôvo, salvo seja. Tarde de Novembro. Fôlhas mortas pelo chão. Outono dentro e S. Martinho à porta, porque mesmo por detrás de nós estava o capitão Martinho, do Belenenses, sempre a falar, a falar...

A's 15 e 15, deram entrada em campo os representantes do célebre Pelágio das Astúrias. Vestiam impecavelmente de azul, o que fez dizer a um parceiro do lado, pouco conhecedor das côres internacionais, a seguinte bordada:

—O' Pá! Olha p'r'aquilo. Então êles veem de azul e a República já lá está há tanto tempo!...

O companheiro fêz-se verde e encarnado, e entretanto deu entrada no recinto, a equipe portuense.

O árbitro

Pouco após, pisou o terreno um cavalheiro de calças compridas, um casaco às riscas brancas e pretas, com um apito na bôca, e uma mão no bôlso. Era o árbitro.

Estranhámos a indumentária pouco própria de um desafio inter-provincial. Mas tivemos a explicação pouco depois, ao sabermos que era nem mais nem menos do que o sr. Vice-Presidente da Liga dos Arbitros Internacionais, e o Director do colégio dos árbitros Portuenses. Duas pessoas num apito apenas.

O jôgo

Começou por um apito, como sempre. E daí em diante, desataram a jogar vinte homens contra o Sciska, o Avelino e o Carlos Alves. Dizemos vinte propositadamente, porque o sr. Director também jogava. Sempre de mão no bôlso, o passo bem cadenciado de quem não

tem nada que fazer, e um ar de superioridade que dava que pensar.

De vez em quando, havia uma fugida dos nossos; mas isto não estava no programa; e, ou era, o Carneiro, ou o Pinga, o Alvarito, ou o Nunes, ou o próprio Waldemar quem passava a bola, devagarinho, aos defezas espanhóis, para que êles deitassem lenha para a fogueira.

O Castro, voltou a ser o parafuso da esquerda; e o Reis salvava-se porque tinha a impressão de estar a jogar contra o Pôrto.

E' claro que durante os primeiros vinte minutos não houve castigos, porque o sr. Director não podia puxar pelo apito. Marcava em teoria, e está tudo dito.

De repente, e sem que nos saibam explicar como aquilo foi, o Waldemar crava nas redes espanholas uma daquelas que o hão-de levar ao Pomar dos Deuses foot-balísticos.

Bola ao centro. Outros quinze minutos: pede-se o favor de tornar a ler o que ficou dito atrás.

A mesma coisa de princípio, com o mesmíssimo árbitro até que, com a diferença dum valentíssimo Shoot espanhol que foi agachar-se atrás do Siscka sem pedir licença. Foi a primeira vez que vimos bater Siscka de tão longe; mas como neste encontro foi tudo fora do vulgar, engulimos a pílula, e ficamos à espera de mais outras.

2.º tempo

Quanto começou, ainda estávamos relembrando mentalmente as lindas tardes de foot-ball a que temos assistido ultimamente!...

Para variar e recompensar a assistência, o Pinga de vez em quando fazia floreados. E os desgraçados defezas portuenses fartavam-se de cortar jôgo e de desanuviar o seu campo. Valente par, sim senhor!... A meio campo iam-se dando castigos de todo o tamanho, moral e fisicamente.

Mas para o sr. Director aquilo não era nada.

E novamente como o noutro sonho, o Nunes, encaixa segunda bola nas balizas espanholas.

Por causa disso e da comodidade do assopro, o sr. Director foi muito cumprimentado pela falange espanhola, que prometeu convidá-lo para arbitrar o primeiro Astúrias-Leão.

O Final

E assim terminou o jôgo com o resultado a nosso favor de 2 a 1, o que quer dizer que ganhamos sem termos feito quási nada pela vitória.

Propositadamente não falamos no Carlitos, porque êle devia ter jogado, mas não o vimos em campo. São coisas dos senhores seleccionadores.

E já debandávamos aborrecidos, quando tivemos ensejo de saber a razão porque o sr. Director trazia a mão no bôlso das calças.

E' que assim tinha a pistola mais à mão.

Que Deus e Santa Lucrecia estejam sempre por nós!
Amen!...

AQUILO

que não podemos publicar

A pedido do seu autor, publicamos nesta secção a balada abaixo:

ESCRÚPULO

BALADA

*Sendo eu por ti perdido,
Pois és a mais linda fada,
Não perco do meu sentido,
Ter teu corpo ao meu cingido,
Seres só minha, idolatradra!
— Sou casada!*

*E's casada?! Pobre de mim!...
E eu que já tinha erguido,
Por todos os tempos sem fim,
No peito, um altar assim:
De amor e mui florido!
— Atrevido!*

*(E' sempre este meu fado
Quando uso da franqueza!...)
Os teus olhos de turqueza,
O teu cabelo doirado,
Valem dinheiro contado!...
... Adorado!*

*Tens crédito ilimitado
P'ra estares ao meu dispor...
E se fôr de teu agrado,
Este amor assim sagrado,
Dou-te cheque ao portador.
... meu, meu amor!...*

*Aqui está, podes sacar...
E's tu o único amor
A quem me posso dedicar
Sem receio de errar,
Pois conheço o teu valor!...
... meu, meu senhor!...*

Chicrisbéu.

Como vêem, isto é de deixar a gente abalada!...





FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Vou contar-te uma pequena história que eu acho muito divertida, embora não pertença de direito a nenhuma espécie classificável do humorismo.

Começemos pelo princípio.

Eu confesso que não tenho, pela obra de Columbano, uma admiração fervorosa. Será pecado meu, mas confesso-o, como de costume, sem reboços.

Nas suas relações com a Arte, cada indivíduo tem um número maior ou menor de zonas vulneráveis; por isso cada artista, a seu jeito, pode penetrar no público por uma dessas zonas. Talvez isto não seja linguagem de crítico de arte, e sim, apenas, linguagem de guarda-freio... Darei no entanto um exemplo frizante; Sarah Bernhard arrebatava os espectadores sacudindo-lhe os nervos; a Duse entusiasmava-os porque lhes comovia o coração. Os nervos, o coração, — aqui tens duas zonas vulneráveis de uma plateia, — que é afinal um indivíduo em ponto grande, (não raro em ponto de rebuçado...).

Ora, outra das zonas vulneráveis por onde um artista pode penetrar e impor-se, é, à falta de melhor terreno, a esquisitice.

Todos nós temos, certas manias, certas preferências à margem do vulgar, pelas quais somos eminentemente acessíveis. Quantas vezes, um comerciante de aspecto burguesíssimo tem, como paixão de horas vagas, a febre de coleccionar isto ou aquilo. Não falando já de selos, porque isso é clássico, eu conheço um cidadão prestável e banal que é um furioso coleccionador de colheres: uma senhora muito rica e muito elegante que tem uma coleção de chaves; um negociante esperto e próspero que tem uma coleção de almofarizes. Tudo isso são esquisitices, no sentido possivelmente simpático em que emprego aqui a palavra. E há a pessoa que tem enguiços, a menina solteira que só se veste de escuro, o cidadão que dorme com a cabeça embrulhada no lençol, o poeta que só escreve de noite, o prosador que só escreve de madrugada; a esquisitice, o coração, os nervos, — três zonas da nossa linha...

Em Arte, e mesmo na melhor Arte, abundam os artistas esquisitos. Columbano era um deles.

Pode ser que desenhasse admiravelmente, que fôsse um técnico soberbo; eu não quero ser crítico de arte. O que não podem negar-me aqueles que críticos fôrem, ou se julgarem, é que Columbano, no país do sol, foi um coleccionador de penumbras, um devoto da escuridão. O que não podem negar-me é que nos seus retratos, (e em alguns deles, até aos mais lízios se impõe uma inegável mestria técnica) êle adoeceu ou matou os mais saudáveis modelos, implacavelmente. Esse desdém pela luz, essa preocupação de agonizar a carne, fôram as duas formas salientes da sua esquisitice; e foi por esta que êle criou à sua volta um núcleo de admirações especialmente devotadas. Ele é, transcendentemente, (porque em Arte até as manias merecem respeito) a colher rendilhada do cidadão prestável, a chave histórica da senhora rica, o almofariz bizantino do negociante esperto, — três símbolos que acima te citei.

Ora, o arcebispo dos seus devotos é o Sr. José de Figueiredo, no uso de um direito artístico que ninguém pode contestar-lhe. Tôda a gente notou, porém, um primeiro e gravíssimo abuso dêsse direito, quando, na Exposição de Paris, êle levou Columbano como único representante da arte portuguesa contemporânea, (expondo esta, e expondo o próprio Columbano, ao insucesso que sofreram — como contrapartida do enorme êxito dos nossos primitivos).

Agora, ao discursar na inauguração de uma lápide na casa em que morreu Columbano, o Sr. José de Figueiredo cometeu novo abuso; de muito menor envergadura, e por isso lhe chamo divertida, no começo desta crônica.

Sim. Em Paris, o Sr. José de Figueiredo pôs em prática este seu dogma, que nenhum vivo consciente pode perdoar-lhe: — *Só os mortos tem direito à vida.*

Agora, o seu delicto não foi tão grave. Foi apenas um garboso requiebro, de habilidade sinuosa e lépida, com que trocou as voltas à verdade.

Ao fim do seu discurso, que leio na Imprensa, contou uma visita de Blasco Ibañez a Columbano. Quem ler, fica com a impressão de que Blasco Ibañez, embora «perfeita antítese de Columbano», foi subjugado pela obra dêste, *impressionado pelo seu alto valor...* E' uma suave mentira.

Por cómodo que seja agarrar num morto e pô-lo a dizer o que nós queríamos que êle tivesse dito, é sempre arriscado, e sempre inglório, e quasi sempre inútil, velejar assim nas águas destransparentes do carapêto.

Eutembro-me perfeitamente de Blasco Ibañez, que foi grande amigo dos meus, e esteve mais de uma vez hospedado em nossa casa.

E lembro-me perfeitamente de o ouvir contar essa sua visita a Columbano! O autor de *Sangre y Arena*, com a sua exuberância vulcânica, detestou e abominou exuberantemente a obra de Columbano; e o que êle lhe disse, o que eu lhe ouvi dizer que dissera, foi que quem tinha esta luz, esta terra, este sol, não tinha o direito de pintar assim: *<parece que pinta Val, con agua de castañas...>* (textual).

Que o Sr. José de Figueiredo admire Columbano, — o qual muito teve de admirável, bem está. Que procure criar cada vez mais adeptos, bem está também. Mas que, para isso, «restaure» as opiniões contrárias, depois de mortos os que as definiram, ao ponto de converter em panegiristas, embora indirectos, aqueles que claramente se manifestaram adversos ao seu culto, é excesso de liberdade poética ou de liberdade crítica, muito maior e mais grave... Para quem casualmente, como eu neste ponto, conhece a verdade — êsses excessos tem o carácter divertido de acrobacias na corda bamba... Dispõe sempre do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Na partida...

em resposta à Posta... Restante

*Adeus amor libertino,
(Muito triste é quem não pode)
Por tua causa, ô suíno
Recebi um grande «bode».*

*Nestes tempos tam ariscos,
Eu vou de mal a pior,
Pois só faço sarrabiscos,
P'ró Maneta e p'ró Major.*

*Também me pus a chorar,
Quando o «bode» recebi;
Até me quis suicidar
Quando a iacada senti.*

*A-pesar-do grande azar
Que me persegue, tirano!...
Ainda consigo dar,
Um gram — Doutor Caci... ano.*

*Que bem me fica, e certo,
Aquele velho rifão:
«Quem te manda sapateiro»
«Pôr-te a tocar rabeção».*

Delfim de FREITAS.

N. da R. — Não se desmente ninguém, a-pesar-de não concordarmos absolutamente.

Rua das Musas

Como nos espectáculos de circo, vimos com este número apresentar aos nossos glosadores a célebre tabuleta de Intervalo. E vamos aproveitá-lo para glosar estes motes que, de uma só vez, dão direito a quatro valiosíssimos prémios, de que abaixo damos nota.

Os motes são:

*O cotim que mais resiste
No «Campo do Cirne» é feito*

*Só veste bem quem se cobre
De cotins «Campo do Cirne»*

podendo os concorrentes glosá-los a ambos, visto que os prémios são independentes e todos fornecidos pelo sr. Sebastião Ferreira Mendes, proprietário da enormíssima fábrica de cotins do «Campo do Cirne».

Aqui não fazemos jus à inspiração, mas sim à habilidade de cada glosador.

O primeiro mote tem direito aos seguintes prémios:

1.º Um corte de gabardine de algodão impermeável.

2.º Meia peça de kaki idem idem,

tudo no valor de duzentos escudos.

O segundo, por ser mais difícil de rimar, terá as seguintes recompensas:

1.º Uma peça do célebre cotim Campo do Cirne; no valor de 190 escudos.

2.º Um corte de alpaca para casaco no valor de 100 escudos.

Obedece às mesmas regras a que está obedecendo o nosso Concurso de Glosas e será o mesmo, o júri, agregando a si o doador sr. Ferreira Mendes.

As glosas podem ser recebidas até à próxima Sexta-feira.

Poetas da nossa terra! Toca a frigar os miolos à busca da inspiração!



Uma notícia sensacional

Perjuro, o afamado iniciador da nossa já célebre secção *Aquilo que não podemos publicar*, teve, para com a MARIA RITA, um gesto formidável:

Ofereceu dois valiosíssimos prémios: Um anel de brilhantes e rubi, de valor e um alfinete de brilhantes, próprio para homem, que serão destinados aos nossos glosadores.

No próximo número daremos as bases dêste concurso original e valioso, assim como o mote a glosar, que é da autoria do doador.

A MARIA RITA agradece a Perjuro a distinção e garante a todos os seus leitores que é verdadeiro o que afirma, assim como a autenticidade dos prémios, cujo valor deve orçar por cerca de 500 escudos.

Interesses académicos

Causou a melhor impressão nos meios académicos o nosso último último artigo de fundo acêrca da actualização das notas.

Ao que parece, pela respectiva pasta vai ser publicado um decreto com força de lei, estabelecendo os 10 valores como ponto de partida para a classificação dos senhores alunos.

Acabará por êste meio a chusma de burros e cábulas. Além de tudo, é um princípio altamente democrático.

Felicitemo-nos vivamente pelo triunfo que acabamos de obter.

Damião de Góis Júnior,
Cronista-mor da Academia.

DR. LOPES RODRIGUES

De Faculdade de Farmácia



em costume de cantadeira minhota

(Caricatura do académico
Alceu dos Santos).

Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

III

O Borracho

(*Animalis-camoeca*)

Lyneu

Filho de um tal Pombo, abastado negociante de vinhos do Pôrto, oriundos de Torres Vedras, o Borracho, na classificação de Lyneu — animalis camoeca, foi encontrado pela primeira vez às portas de Santo Antão a escurrpichar um cádice de ginja com ela.

Os borrachos, ainda que muito estranho haja de parecer aos meus incipientes alunos, vivem quási sempre amancebados com a fêmea do peru.

E' freqüente, com efeito, ouvir dizer:

— Aquele borracho vai com uma peru... —

Há duas grandes espécies de borrachos: os de beber e os que se dão.

Na primeira espécie estudaremos apenas os que bebem só duas vezes por dia — um antes, outro depois, das refeições. E' o animalis sequioso per ornnia sæcula sæculorum (animal de sede permanente). Apesar-de todo o pássaro beber água, êste jamais a provou, salvo no vinho adulterado.

E' por isso que há tantas infecções intestinais.

Os borrachos de dar servem para comer. Há no entanto quem não goste da carne, um tanto dura na verdade.

A fêmea do borracho é a borracha, que serve para levar vinho para as romarias ou para safar desenhos mal feitos.

Os borrachos são muito estúpidos.

Conta-se que dois foram um dia, já em adiantado estado de intoxicação putrefacta, ao Jardim Zoológico de Lisboa e que, diante da jaula de um leopardo, um deles disse, com os olhos semicerrados, e mal se agüentando nas pernas: que lindo leopoldo!

O outro, que não estava menos intoxicado, ripostou: estás tão bêbado, que nem sabes dizer leopardo.

Brutos, muito brutinhos, como os meus alunos vêem.

Zoopirotécnico

Professor de Zoologia no Instituto de Socorros a Náufragos.

Meia bola e força...

O Doutor R. a quem, rendidos, rendemos tôdas as homenagens, médico muito conhecido nesta cidade, apresentou a sua tesíssima tese.

Um dos argüentes, na discussão, diz:

— E' lamentável que o Sr. R. tenha escrito *tugumento* com *u*...

Levanta-se o bacharelado muito senhor da sua ignorância e, com voz pausada e grave, responde:

— Pois, sim... mas devo declarar a V. Ex.^a que sei muito bem que se escreve com *o*.

Um aluno do segundo ano da Médica, detentor da sublime ingenuidade das onze mil virgens, abeira-se do professor de anatomia e interroga:

— Sr. Dr., V. Ex.^a tem a bondade de dizer-me se serve o mesmo esqueleto do ano passado?

Na Faculdade Técnica o Professor B. C., que o Deus da reforma haja por muitos e bons na sua santa guarda, definindo um *pataco*, na cadeira de Economia:

— E' o desdobramento sucessivo de dois vinténs em íntima comunhão.

Na mesma Faculdade, um professor de arquitectura:

— Há duas espécies de paredes — paredes e muros. Os muros também são paredes mas mais mal acabadas.

Moralidade a tirar de tudo quanto atrás fica dito:

A Universidade do Pôrto tem pára-raios.

Verrinas

De um conhecido médico cá do burgo, filho de um sapateiro, diz-se malèvolamente:

Foi a melhor bota que o pai fêz.

Aos colaboradores

Previnem-se os nossos prezados colaboradores que não devem continuar a usar o ataque pessoal e intransmissível ..

Nos dois últimos números, vá de franqueza, saíram algumas inconveniências, só desculpáveis em rapazes.



Quem é?

Verso mau? Vai perdoar-m'o o Doutor. Não leve a mal. Mas porque é que é do Carmo se é do Marquês de Pombal?

Cavernas cura em dois meses. Bacilos? Onde vai Bouça! ...Quando faz a barba, às vezes, até parece outra louça!

SARAMACOCO.

Decifração do número anterior: *Quem é?* — Octávio Sérgio.

Matadores: Sepol, Monteiros I e II, Oinotua, Reirobi, João da Sé, Satiérí ed Milled, Lizé, Zé Barão, Octávia Maria, Kika, Rofeu, Venâncio da Praça, Alvacarso.

A melhor que eu sei

É o nome duma página que a MARIA RITA vai inserir, e na qual só colaborarão os nossos leitores que o merecerem.

Não há português nenhum, por muito pouco patriota que seja, que não conheça uma anedota melhor do que aquela que o parceiro acaba de contar.

Pois é essa anedota, inédita ou pouco conhecida que nós cá desejamos.

Todo o leitor da MARIA RITA, poderá enviar a **melhor que sabe** e se valer, pelo espírito ou pela novidade, será incluída nessa página de

A MELHOR QUE EU SEI

Em troca a MARIA RITA oferece um prémio semanal de **Cinquenta escudos**, que será adjudicado à melhor de todas aquelas que venham na secção de

A MELHOR QUE EU SEI

A sua escolha será feita pela nossa Direcção e no número seguinte se dirá qual foi.

O remetente terá apenas de preencher o Cupão abaixo, e remetê-lo junto à anedota que terá de obedecer às seguintes condições.

- 1.ª Não ser pornográfica absolutamente;
- 2.ª Não ser *batida* nem conhecida;
- 3.ª Ser escrita em português e só num dos lados do papel;
- 4.ª Vir sempre acompanhada do cupão:

Remetente:

Morada:

SECOS & MOLHADOS

A grande luta fratricida no País dos Dólares — Pormenores e Pormenores

(Do nosso enviado especial)

MARIA RITA cá para estas coisas de eleições, tem sempre o cofre aberto. Vai daí, destacou o seu melhor repórter, encheu-lhe a sacola de víveres e disse assim, tomando aquela célebre atitude de Filipa de Vilhena:

— Vai meu filho! Vai assistir à formidável luta entre os «sêcos» e «molhados» da terra nossa irmã; mata as saudades duma campanha eleitoral e diz para cá aos teus irmãos o que vai ser essa avalanche de «gangsters» à volta duma inofensiva urna.

Ele foi, e do que nos mandou dizer vamos dar cópia:

New-York, 7,10 h. — Aproxima-se o formidando momento. Percorrem as quintas avenidas, grupos berrando e conduzindo os mais destrambelhados emblemas. Burros, elefantes, artistas de cinema, índios ao natural.

Por enquanto o burro é o que tem mais adeptos *Tass*

Washington, 7,13 h. — Cheguei avião. Isto aqui vai ser medonho. A um tipo chamado Luís, de péra, arrancaram-lha. Confusão com Washington Luís. Primeiros recontros.

S. Francisco, 7,18 h. Comovidas manifestações nossos irmãos. MARIA RITA aclamadíssima. Todos os cidadãos eleitores andam na rua, de mangas arregaçadas, ostentando armas da cidade. Aqui vence Roosevelt. Há bebedeiras nas ruas.

Florida, 8,10 h. — Começo a ter susto. Animos malvados. Toda a gente quer pôr o Hoover de pé. Fala-se em vinho. Uma imagem do S. Martinho foi estilhaçada a dinamite.

Carolina do Norte, 8,13 h — Prevê-se a derrota de Hoover. Já ninguém fala nas dívidas de guerra nem no desarmamento, nem em nada. Circulam os eléctricos, os taxis e as garrafas de cerveja. Aparecem as primeiras garrafas de vinho. Entusiasmo delirante. A carolina é húmida.

Washington, 8,18 h — A cidade é uma imensa bebedeira. Chegaram os novos impostos. Toda a gente é *taxada*. Os *caminheiros da fome* teem sede.

New-York, 8,21 h — Venceu Roosevelt. Fôram assaltados os «bars». Portugal é aclamadíssimo. Viva o vinho do Pôrto! Abaixo a lei seca. Viva a lei húmida. Há distúrbios, e os agentes da lei seca fartam-se de molhar a sua sopa.

New-York, 8,23 e meia h — S. Martinho é o Santo do Dia. Para suavisar a sede dos restantes, andam «colares» de pérolas de bôca em bôca. Agora o presidente futuro já se não chama o Roosevelt; chamam-lhe o Rosabêbedo.

Hoover para esquecer tomou uma bebedeira. Há duas mortas por conflito e 700 por embriaguez.

É' quasi meia noite. Agora vou ver Chicago. Depois embarco. A garrafa de Pôrto Barros que trouxe dá-me para a viagem. Saudações.

ECOS da sucia... dade

CHEGADA — Chegaram ontem a esta cidade o conhecido «sportman» Polo Antártico das Neves e sua ex.^{ma} Esposa D. Gienda Taró de Rachar, que andam em viagem de núpcias como propagandistas dos casacos de agasalho e das camisolas de lã, com forro duplo.

Suas ex.^{as} estão hospedados no Hotel Frigidare, tendo recebido hote de manhã, a visita do Grupo das Escalfetas e da direcção do Clube Esquentadores Eléctricos.

PARTIDAS — Partiu no rápido da tarde para Lisboa o Castiçal da Boavista, para ver se consegue que lhe ponham a vela e o pavier (no castiçal, está claro!) Na gare compareceram diversas velas: a vela de stearina, a vela de cebo, a vela do navio, a vela de Erbon, duas velas baratas e uma cara vela.

BAPTIZADO — Quinta-feira passada realizou-se no lago de S. Lazaro o baptizado dos três meninos de purp... uzina que estão a fazer carretos na Avenida dos Aliados.

Foram padrinhos dos neófitos, o Baco da

praça da República e a Flora do Jardim da Cordoaria.

Os recém-esculpidos receberam os nomes de Pilatos, Pílinhas e Piões.

No fim da cerimónia houve um copo de água... do lago, acompanhado pela banda do tórpo para ouvir, um quarto para dormir e um quinto para beber.

EXAMES — O filho do sr. Conselheiro Maple da Silva, o esperançoso mancebo de sexo indefinido, Cinélio do Ecran Rôto, fez ontem exame de sonorização, trepidação e fotogenicação, apanhando (salvo seja!) quinze valores nas três cadeiras.

Depois de fazer as cadeiras concluiu dois sofás, uma mesa redonda e um guarda-vestidos com espelho.

Ao acto assistiram diversas Grêtas, vários Novarros e quatro filhos artificiais do Carlinhos...

MAIS PARTIDAS — Partiram no «Sud» para Paris, a fim de visitarem o Partenon e a torre de Pisa, o ilustre médico Dr. Maças Fernandes e o abalizado pedagogo Nozes Tavares.

A despedirem-se do Dr. Maças, encontravam-se na gare as peras de sete cotovelos, os pêssegos carecas e as ameixas çarangejeiras e os melões de Almeirim.

O Nozes também teve uma despedida afectuosíssima, comparecendo as avelãs e as castanhas do maranhã.

A' partida das Nozes também assistiram as regueifas de Valongo.

KUA

DAS

MUA

Adeus ó saias de roda,
Camisãs, combinações,
Ceroulas, meias, calções,
Se o nudismo pega em moda!
Nunca mais nos incomoda
O alfaiate ladrão,
Na mudança de estação!
E se a música não aperta,
Contemos que a coisa é certa:
Voltamos ao pai Adão!

Tito.

Do Progresso gira a roda
Com infrene ligeireza;
O mundo atinge a Beleza
Se o nudismo pega em moda!
Não mais o fato incomoda
Nem de inverno nem de v'ráio!
Glória a Civilização
Nesses tempos que Deus traga!
Só se come e não se... paga,
Voltamos ao pai Adão!

Asinus

Já sinto a cabeça à roda
Em lontanças infernais,
Chorando os tristes mortais
Se o nudismo pega em moda.
Marau que saiba da roda,
Disfarça, prepara a mão,
E semeia heliscão
Atá virem os peixefreios!
O' que tempos hexiguerios!
Voltamos ao pai Adão!

Narigudo.

Muita gente se incomoda
Com essa ideia novíssima
Que já anda alastradíssima:
Se o nudismo pega em moda.
Mas tal moda não engoda
Toda a gente, pois então?
Hasta ter em atenção
Que há milhões de pernas tortas!
Se tu, Venus, não te importas!
Voltamos ao pai Adão!

Tripeiro

Pouco ou nada me incomoda
Uma vez ficar de fora!
Ora! Ora! Ora! Ora!
Se o nudismo pega em moda.
Farei um hino... com coda
A' bela civilização
Que nos quer ver em leitão
Como Deus nos manda ao mundo!
O' doce prazer jucundo!
Voltamos ao pai Adão!

Músico.

Compre sulfato de soda,
Pr'ó estômago limpar,
Pois é mais fácil cobrar;
Se o nudismo pega em moda.
O pior é a gente toda
Ver-me assim como um leitão,
Mas se sou descarado
Não me importa de censura,
E digo então n'esta altura,
Voltamos ao pai Adão.

(Gaia).

Orno.

A roupa não incomoda
A nudez a um corpo frio...
E também não há mais brio,
Se o nudismo pega em moda!
Quem no mundo andar à roda,
Tem a grande sensação
De ver lá pelo sertão,
Usarem o nu sómente!...
Sendo, assim, p'ra toda a gente,
Voltamos ao pai Adão!

Alfredo Cunha (Raza).

Ver as damas d'alta roda,
Em Severiano à pinha;
Empilhadas qual sardinha,
Se o nudismo pega em moda.
Anda o condutor à roda,
Por ver tanta lentidão...
E diz com grande paixão,
Vermelho com os calores:
Cheguem-se a frente senhores,
Voltamos ao pai Adão...

(Gaia).

Peraciann.

Oh tu que sabes da roda,
Diz-me lá, oh minha amiga:
Não achas que é uma espiga.
Se o nudismo pega em moda?!
Já me anda a cabeça à roda,
Só de pensar na questão:
Mas é certo. — o Lampeão...
Garantiu-me isso outro dia;
E disse á D. Sofiar:
Voltamos ao pai Adão!

(Gaia).

D. Juan.

Discutindo numa roda,
Eu brotara entusiasmos:
Isto vai ser atestado,
Se o nudismo pega em moda!
Lavam-se todos com soda,
Com cloreto ou com sabão!...
E veremos nós então,
Sapateiros desgraçados,
Alfaiates dependidos!...
Voltamos ao pai Adão!

(Gaia).

Sacripanta

A's meninas da alta-roda,
Em segredo ouvi dizer:
— Bons pedaços vamos ver
Se o nudismo pega em moda!
Essa rapaziada toda
Que nos leva à perdição,
Há-de causar sensação
Com seus corpos nus — e assim
Podemos gritar: — Enfim,
Voltamos ao pai Adão!

(Vila Real).

Bichibai'

Eis uma ideia, que em roda,
Uma outra ideia gravita,
Vai dar uma grande fita,
Se o nudismo pega em moda.
Preocupa a gente toda,
Mas na minha opinião,
É fácil a solução,
D'esta causa fio singela,
Pois se andarmos sem farpela,
Voltamos ao pai Adão.

Rei Louro.

Primeiro, saias de roda
Pelo sonho a arrastar,
E mesmo p'ra contrastar,
Se o nudismo pega em moda!
Cá por mim, pouco incomoda
Que ele pegue ou que não,
Sofre-se a transformação
Andamos à caranguejo
E sem sombras já de pejo
Voltamos ao pai Adão.

Zé Maria.

Se na alta e baixa roda
Não se põe freio à impudência;
Se continua a indecência;
Se o nudismo pega em moda.
Entre a humanidade toda;
Se não houver um bordão
Que ponha tudo no chão;
Se não vier, de improvisio,
Uma onda de juízo,
Voltamos ao pai Adão!

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.

Já me anda a cabeça, à roda,
Com a «chôlha» do nudismo
Vou praticar «cuequismo»
Se o nudismo pega em moda!
Porém, á família toda,
Não lhe deixo nem calção;
Vou á vossa redacção
Faço o mesmo aos directores
E, por fim, direi: — Senhores,
Voltamos ao pai Adão!

(Lisboa).

Dr. Casto.

Só o sulfato de soda
Me tira o mau paladar
D'este constante mal-estar...
Se o nudismo pega em moda!
Pois que a esta gente toda
Só deve causar sensação
Não há melhor imitação
Em estar no Paraíso...
Mas só com falta de siso
Vltamos ao pai Adão.

A.

Ande-me a cabeça à roda,
Em pensar neste sarilho,
Que graça... da mãe p'ro filho...
Se o nudismo pega em moda!
Muita gente, a cara toda
Nos lábios deitam «bato»
Ató me causa aflicção
Em estar isto a dizer,
Mas pura mais se puder
Voltamos ao pai Adão.

Amarantino.

A Mulher não se acomoda
A' camisa d'onze varas:
Vai resolver tudo ás claras,
Se o nudismo pega em moda.
E o homem que, dada á roda,
Procura o Mistério, em vão,
Esquece a maçã, e então...
Vai de novo ao Paraíso
Buscar Eva com mais siso...
Voltamos ao pai Adão!

Amaral.

Senhoras da Alta Roda:
Enfim que chega a igualdade!
Acaba o luxo... a vaidade...
Se o nudismo pega em moda.
Depois já ninguém se engoda...
Ninguém faz exclamação...
Come e cala, pois então,
E a vidinha assim se leva...
Se voltarmos á mãe Eva
Voltamos ao pai Adão.

(Gaia).

Sepol.

Deixa o mundo andar á roda!
Deixa lá, MARIA RITA,
Verás que vida bonita
Se o nudismo pega em moda.
Tudo á procura da soda,
Tudo á cata do limão
Para apagar o vulcão
Que lá-de arder em nosso peito!
Verás como deste jeito
Voltamos ao pai Adão!

Ardotos.

Decote e saia de roda,
Saia curta e sem decote,
Tudo leva piparote
Se o nudismo pega em moda.
E então á gente toda
Direi com satisfação
Usando voz de trovão:
— Erguel essas saias falsas,
— Vós abaixai essas calças,
— *Voltamos ao pai Adão.*

Toninho da Porca.

Andarão em viva roda
Alfaiate e modistas
E da agulha mais artistas
Se o nudismo pega em moda.
A mim pouco me incomoda,
Pois terá um piadão
Ver uma dama em leitão,
Qual Eva do Paraíso,
A dizer-nos n'um sorriso:
— *Voltamos ao pai Adão...*

(Açores).

Olegna.

Este mote não me engoda,
(E' fízer pouco da gente)
Pois fica tudo demente,
Se o nudismo pega em moda.
Há quem tome muita soda,
Quando spanha o seu pião,
Há quem toque rabecão
E cante o todo do Ganga:
Mas se vamos usar langa,
Voltamos ao pai Adão.

D. de F.

Vai andar tudo á roda,
Vai haver grande pagode,
Vamos ver quem é que pode,
Se o nudismo pega em moda!
Mas quem perceber da «poda»
No caso não faz questão,
Faz-se «troixa»... pois então,
Para a gente se entreter,
Não tem nada que saber,
Voltamos ao pai Adão.

Delfim de Freitas.

Na bnixa e na alta roda
Vamos ter grand'al-rido,
Pois tudo vai ser despido
Se o nudismo pega em moda.
E' ver essa gente toda,
Como pretos no sertão,
Com parra em vez de calção!
E com'a crise me esprefa,
P'ra ver s'a coisa endreita...
Voltamos ao pai Adão!

E. M.

Vai tudo andar á roda
Por esses becos e ruas
Vão-se ver senhoras nuns,
Se o nudismo pega em moda!
Todos podem tomar soda,
Vinho linto carrascão
Comer galinha, pavão,
Sardinha, trula, goraz,
Vamos fazer marçul'ntras
Voltamos ao pai Adão!

(S. P. Sul).

E. Ma'meida.

Ande-m'a cabeça á roda,
Sinto-me desfalecer;
O «bonito» se vai ver
Se o nudismo pega em moda!
Deem-me um copo de soda
Amparem-me por compaixão!
Ou deem-me uma injeção
Antes que eu perca o juízo;
Já não há ninguém com siso
Voltamos ao pai Adão.

(Lisboa).

Henrique Cardoso.

Quando o calor me incomoda,
Só me dá p'ra-me despir,
Por isso fico-me a rir,
Se o nudismo pega em moda.
Então eu que sei da poda,
Vou produzir sensação:
Apareço no Bôlho...
Todo nu, só c'uma parra;
E desta forma bizarra,
Voltamos ao pai Adão!

(Gonçalo).

Zé Barão.

Ande-lhe a cabeça á roda,
Não sabem o que vestir,
Ao que iremos assistir!
Se o nudismo pega em moda.
Mas prias já foi manobra,
Que se ensaiou no verbio
Isto foi p'ra começar
Se a moda assim continuar
Voltamos ao pai Adão.

(Pôrto).

Horácio Ferreira.

O mundo anda sempre á roda,
E' uma lei da natureza
E não será, pois, surpresa
Se o nudismo pega em moda.
A roupa nos incomoda?
Dispamo-nos! Porque não?!
E depois... que reinacão!
A' mgi Eva as fêmeas voltam
E nós, se as roupas nos soltam,
Voltamos ao pai Adão!

Elmano Otrebla.

Devido ao grande número de
concorrentes ao presente mote,
é-nos impossível publicar só duma
vez todas as glosas recebidas, o
que faremos na próxima semana,
juntamente com os votos de lou-
vor e a subida ao quadro negro
daquele que o mereça.

Os senhores concorrentes só
teem que observar uma condição:
Ter cá as glosas até 4.ª feira ao
meio dia e não dar largas á veia
poética, sendo ficamos na mesma.
Valeu?



Perdidos no Oceano!

Tragédia mais lacrimogénia que os gases do mesmo nome

PERSONAGENS {
 O navio do capitão
 O capitão do navio
 O náufrago n.º 1
 O náufrago n.º 2
 A espósa do n.º 1 ou amante do n.º 2

CENA I

Mar revólto e ingente. Pêlago glauco. Vôr-tice caliginoso. Abissus abissum! Um mar capaz de engulir, sem pestanejar, um artigo indefinido.

O NÁVIO, sentindo-se ir ao fundo, sem remissão nem apêlo, apitando pela última vez:

O'óóóh! Oh! Oh!

O CAPITÃO, em pé na balieira, vendo o navio afundar-se e arrancando uma mão cheia de cabelo da cabeça do náufrago n.º 1:

Ai, que tristeza, ai, que dó!
 Assim vou ficar tão só,
 Sem navio e sem marujos,
 E só com estes sabujos!...

(Põe-se a chorar tão abundantemente que os dois náufragos teem que correr aos baldes para a balieira não ir ao fundo.)

O CAPITÃO, fazendo uma abertazinha no dilúvio das lágrimas, continua:

Inda eu me torne uma bêsta
 Como sei o que me resta
 Fazer a êste caique!

(Agarra num machado e propõe-se escacar a amurada da embarcação.)

Vou meter o barco a pique!

(Os dois náufragos agarram-lhe o machado no ar, não sem que um dêles lhe detxe uma orelha agarrada ao gume.)

O NÁUFRAGO n.º 1

Então, então, capitão?

O NÁUFRAGO n.º 2

Capitão, então, então?

O NÁUFRAGO n.º 1

Pare lá com essa fita!
 Lá arranjà-la bonita!
 Acha pouco esta desdita?

O CAPITÃO, alucinado

Mas mais nos vale acabar
 Com a vida e sossobrar,
 Do que ter de atravessar,
 Em infindável remar,

A grande extensão de mar
 Que nos falta, p'ra alcançar
 Mesmo uma praia selvagem!

(Dando um murro na cabeça, que ia afundando o barquito.)

De resto, p'ra tal viagem,
 O que temos p'ra trincar?
 Só dois pães, p'ra mastigar!
 E quando o pão se acabar?
 Quem se há-de sacrificar,
 Para a ladeira apagar?

NÁUFRAGO n.º 1

Só se comermos os remos!

NÁUFRAGO n.º 2

Ai, só nos resta rezar!

O CAPITÃO ajoelhando

Oremos todos! Oremos!...

(Ajoelham e rezam.)

CENA II

A MULHER DO NÁUFRAGO n.º 1, dando um murro na testa do marido:

Oh! meu Deus! Oh! com a breca!
 Eu achei! Eureka! Eureka!

(Os outros olham-a espantados.)

Já que a nossa sorte interessa
 Que um ou dois desapareça,
 É como ninguém se arrisca,
 Ai vai, então, esta bisca:

(Berrando, para o marido.)

O' meu torpa, ora ouve lá!
 Tu sabes quem tens diante?
 Já de há muito, sou a amante
 Dêsse bruto que aí está!

(Aponta o náufrago n.º 2.)

Mas tu não ouves? Vá! Vá!
 Atira-te a ele, já!
 E põe-no todo em fatias,
 O' meu gigante Golias!

(O marido solta um mugido cavo e metendo a cabeça entre os ombros, atira-se ao náufrago n.º 2, desaparecendo os dois nas profundidades do mar.)

CENA III

O CAPITÃO, caindo nos braços da mulher:

Oh! Obrigado! Obrigado!
 Ai, como estou perturbado
 Com o seu gesto valente!

ELA

Não acha que fui decente?

O CAPITÃO, abraçando-a

Mais do que isso! Uma heroína!
 Eu devo-lhe a salvação!

(Arrebatado.)

Minha rica salvadora!
 Que me importa a mim, agora,
 Se esta barçaça se empina?
 Se me aparecer um tuão,
 Não, eu não me hei-de afogar!

(Deitando-lhe os braços em volta da cinta e contemplando o seu alvo colo.)

Pois tenho aqui, bem à mão,
 As bóias p'ra me salvar!

Dr. KNOX.



CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: Estreia da Companhia Estêvão Amarante, com o vaudeville em 3 actos e 1 quadro *O Bicho do Mato*.

Rivoli: Revista-fantasia em 3 actos, *Revista do Coliseu*.

Águia d'Ouro: A adorável fono-ope-reta *Que rapaz encantador!*

Olimpia: O grandioso filme regional *Campinos (do Ribatejo)*.

Trindade: O engraçado filme *Pamplinas milionário*.

Batalha: O sucesso máximo da semana *As aventuras de Bufalo Bill*.

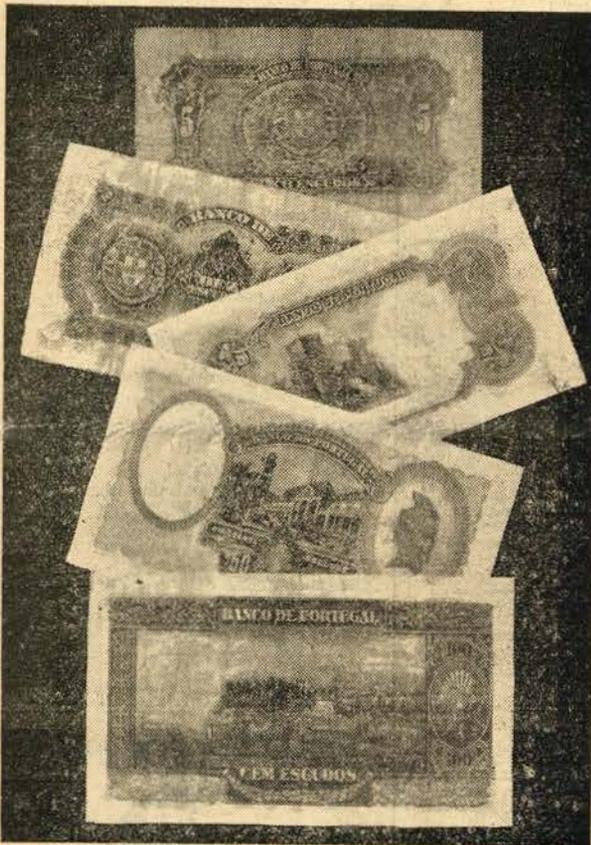
CONCURSO DA NOTA DO BANCO

PRIMEIRA SEMANA

Ora aí teem os nossos futuros concorrentes, a fotografia das Notas do Banco que entram no concurso.

Tôdas estas notas teem um número de série composto de cinco algarismos, e tôdas elas estão fechadas e lacradas num envelope exposto desde hoje nas montras da Agência de Publicações do sr. Manuel da Silva Braga, à Praça da Liberdade.

Esse número na nota de 100\$00 é composto dos seguintes algarismos	3-4-1-2-1
Na nota de 50\$00, é composto dos seguintes	6-7-6-7-1
Na de vinte	1-2-6-7-6
Na de dez.	0-8-8-3
Na de cinco	2-9-7-1-7



Todo o trabalho do concorrente, será, portanto, o de declarar no cupão inserto aqui, qual a disposição desses algarismos que corresponderá ao verdadeiro número de cada nota.

Depois, recortar esse cupão, enviá-lo à nossa redacção até à 4.ª feira seguinte.

O nosso número seguinte, como nos restantes concursos, dará a relação dos premiados.

O **CONCURSO DA NOTA DO BANCO**, tem três qualidades:

É honesto, porque é da MARIA RITA

É proveitoso, porque dá dinheiro em notas

É de novo modelo, porque cada concorrente com um cupão apenas, concorre a todos os 5 prémios.

Cupão

Palpita-me que:

O n.º da nota de 100\$00 será
" " " " 50\$90 "
" " " " 20\$00 "
" " " " 10\$00 "
" " " " 5\$00 "

Nome ou pseudónimo

Morada

N. B. — O número de cada nota será formado com os algarismos que damos acima para cada nota correspondente da mesma importância.

Distribuição dos prémios de 100\$00 escudos (2) referentes à quarta partida

(Continua do da página 2.º)

Alberto Pinto	7281 a 7392	Xispe T. O.	8065 a 8176	Custodio das Dores	9063 a 9184
Luciano C. Queijo	7393 a 7504	Carabanchel	8177 a 8288	José Ferreira Silva Mendes	9175 a 9296
Alfredo Ferreira 1.º	7505 a 7616	Fernaanda C. Luz	8289 a 8400	Anastácio Rodrigues 5.º	9287 a 9408
Rei da Meda	7617 a 7728	Perfeitinha	8401 a 8512	Altino Coelho	9409 a 9520
David Costa 4.º	7729 a 7840	Zé dos Nabos	8513 a 8624	Alberto M. da Silva Pinto	9521 a 9632
B. X. T.	7841 a 7952	Serafim Pinto da Silva	8625 a 8736	António Pinto Sousa	9633 a 9744
Anastácio Rodrigues	7953 a 8064	Mais que tudo	8737 a 8848	Luís Sarapião	9745 a 9856
		Mercador de Venesa	8849 a 8960	Sou eu o Dono dos 500 Palhaços?	9857 a 9968
		Acertarei?	8961 a 9072	MARIA RITA	9969 a 10000